

As novas narrativas do amor parental na contemporaneidade: um estudo comunicacional sobre suas representações a partir da coluna de Vera Iaconelli na Folha de S. Paulo

New narratives of parental love in contemporary times: a communicational study on its representations based on Vera Iaconelli's column in Folha de S. Paulo

PAULO NASSAR

Diretor-presidente da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), doutor e mestre pela ECA-USP. É Coordenador do Grupo de Estudos de Novas Narrativas (GENN), da ECA-USP e pesquisador orientador de mestrado e doutorado (PPGCOM ECA-USP). E-mail: paulonassar@usp.br.

MARIA RITA MAZZUCATTO

Doutoranda e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pesquisadora do Grupo de Estudos de Novas Narrativas (GENN-ECA/USP). E-mail: maria.mazzucatto@usp.br.

RESUMO

O presente artigo propõe-se a discutir, sob a ótica da comunicação e em interface com o afeto, as novas narrativas da parentalidade contemporânea no Brasil. O estudo analisa 21 artigos sobre a temática do amor parental, escritos pela psicanalista Vera Iaconelli na *Folha de S. Paulo* e publicados semanalmente em 2020 e 2021. Para isso, fizemos uma breve contextualização sobre os conceitos de amor na filosofia, relacionamos as características da contemporaneidade com os atuais desafios das relações sociais, sobretudo o amor parental, e pudemos, então, explorar a visão de Iaconelli sobre o tema, depreendendo disso possíveis novas narrativas sobre o amor parental. A discussão foi possível a partir da técnica de análise de conteúdo e algumas de nossas conclusões recaem sobre o fato de que vemos as novas configurações afetivas demandarem mais igualdade de direitos entre pais e mães e exigirem a validação de novos arranjos familiares, relacionados à promoção de uma sociedade mais justa, diversa, inclusiva e solidária.

Palavras-chave: Comunicação; novas narrativas; amor parental.

ABSTRACT

This article aims to discuss, from the perspective of communication and in conjunction with affection, the new narratives of contemporary parenthood in Brazil. The study analyzes 21 articles on parental love, weekly written by psychoanalyst Vera Iaconelli in *Folha de S. Paulo* (2020 and 2021). To this end, we briefly contextualized the concepts of love in philosophy, related the characteristics of contemporary times with the current challenges of social relations, especially parental love, and were then able to explore Iaconelli's view on the subject, inferring from this possible new narratives on parental love. The discussion was possible through the content analysis technique and some of our conclusions are based on the fact that we see new emotional configurations demanding equal rights between fathers and mothers and requiring the validation of new family arrangements, related to the promotion of a more just, diverse, inclusive and supportive society.

Keywords: Communication; new narratives; parental love.

INTRODUÇÃO

“– A resposta é simples: amo muito a minha filha. Para mim, é a coisa mais bonita que já vi, mas de onde venho isso não é o bastante. Todo programa deve ter um propósito. Se não tiver, ele é deletado. Então, tive de pedir ao francês que salvasse minha filha. Não está entendendo? (Rama Kandra)

– É que eu nunca... (Neo)

– Ouviu um programa falar de amor? (Rama Kandra)

– É uma emoção humana. (Neo)

*– Não, é uma palavra. Mas o que importa é a conexão que a palavra implica. (Rama Kandra)
(Matrix Revolutions)*

Somos seres sociais. Isso significa que nos organizamos a partir de “formas reguladas por símbolos, normas e valores que permitem uma existência comum” (CHAUÍ, 2024, p. 5). Foi a partir da relação com outras pessoas que tivemos e seguimos tendo sucesso evolutivo e civilizatório. Em uma sociedade cada vez mais conectada e hipermediada pelas redes digitais de comunicação e dispositivos ascendentemente velozes e interligados (HAN, 2022), era de se esperar que o problema da solidão humana fosse superado. Entretanto, o “Século da Solidão” denominado por Noreena Hertz (2021) já era realidade antes mesmo da pandemia de COVID-19, que colocou à prova nossa resistência ao isolamento social. Companhia verdadeira torna-se raridade e a lógica capitalista (GUATTARI, 1977) rapidamente trata de transformá-la em produto. Em tempos que demandam que alguns países como Reino Unido e Japão criem ministérios para lidar socialmente com o problema da solidão (BIERNATH, 2023), acreditamos ser importante falarmos em diversos âmbitos, especialmente no acadêmico, sobre possibilidades de enfrentamento aos desafios impostos às relações afetivas pela globalização, pela hiperconectividade e pelas tendências de aceleração e de questionamento de identidades impostas pela contemporaneidade ou Modernidade Tardia (HALL, 2000). Exemplo disso é o fato de abordarmos aqui assuntos como o amor, o afeto e o dever de cuidar de novas gerações de indivíduos.

Neste sentido, apontamos o amor e o fortalecimento das relações afetivas como saídas para o enfrentamento aos desafios dos nossos tempos. Conforme o diálogo de *Matrix Revolutions*, mais do que uma palavra, o que importa é o que o amor implica, especialmente no contexto atual: representa um caminho para o resgate comunicacional e narrativo que nos permitirá viver no mundo atual, sem, contudo, perdermos o que de melhor conquistamos civilizada e socialmente até aqui.

Para isso, neste trabalho, propomos inicialmente uma breve contextualização sobre os conceitos de amor na filosofia. Posteriormente, relacionamos as características da contemporaneidade

com o surgimento do casamento por amor ilustrado por Luc Ferry, o que inaugura a chamada “transformação da intimidade” descrita na obra de Anthony Giddens. Com isso, refletimos sobre os desafios do amor parental na Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman e podemos, então, explorar a visão da psicanalista Vera Iaconelli sobre o tema em sua coluna semanal na *Folha de S. Paulo*, depreendendo possíveis novas narrativas sobre o amor parental.

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA SOBRE O AMOR

As primeiras reflexões filosóficas sobre o amor datam da Grécia Antiga, sendo até hoje primordial a visão de Platão (2010) e Sócrates de amor a partir de *Eros*. Sob este olhar, o que o amor possui se desintegra, pois é sempre desejo, falta, e só existe neste contexto. *Eros* é o amor em sua forma mais passional e irracional. É infantil e entedia-se facilmente na presença, que, ainda há pouco, era sua fonte de intenso desejo (COMTE-SPONVILLE, 2010).

Temos ainda o conceito de *Philia*, inicialmente utilizado por Aristóteles n’*A Ética a Nicômaco* ao referir-se à importância da amizade na vida humana, tratada como virtude. Em sua visão, “ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que tivesse todos os outros bens” (ARISTÓTELES, 2015, p. 209). Ele compara amor e amizade, afirmando que “existe outra espécie de amizade, [...] a afeição de um pai em relação a seu filho” (Ibid., p. 220). A amizade é um sentimento que Aristóteles relaciona com a parentalidade e pode estar presente mesmo em uma relação na qual estejam envolvidos elementos de autoridade.

Citamos, então, a importância de Spinoza para a solidificação deste conceito ao afirmar que “por afeto, compreendo, então, uma ação” (SPINOZA, 2022, p. 98), dialogando com o exercício de cuidar como dever associado à parentalidade. Se amar enquanto sentimento é algo facultativo, o afeto apenas pode ser mensurado enquanto ação.^[1] O amor, para Spinoza, está atrelado à alegria da existência do outro, mesmo que a ele não se esteja unido. Neste sentido, Spinoza associa amar com regozijar-se (SPINOZA, 2022). Assim, o amor parental é, sobretudo, uma manifestação importante de *Philia*, já que é um amor que age para manter o bem do objeto amado com pouca ou nenhuma expectativa de retorno, é um “amor-ação” (COMTE-SPONVILLE, 2010).

E, assim, mencionaremos o terceiro tipo de amor, que virou objeto da filosofia ao ser introduzido por Jesus como base da crença cristã: *Ágape*. Este tipo de amor é associado à bondade e à virtude, ao pressupor o altruísmo nas relações e ao extrapolar a esfera individual e privada, estendendo-se ao coletivo. Revela grande potencial para ajudar a humanidade a atingir

seu nível mais alto quando as pessoas começam a empregá-lo a fim proteger umas às outras (COMTE-SPONVILLE, 2010).

O amor *Ágape* é uma virtude moral em que uma pessoa voluntária e incondicionalmente oferece bondade – a um custo para o doador – para outro(s) necessitado(s). Como esse conceito antigo tem implicações para relacionamentos harmoniosos e para uma boa saúde mental, são necessárias medidas precisas de *Ágape* para avaliar o grau em que uma pessoa o entende e pratica (ENRIGHT et al., 2022).

Ágape é, muitas vezes, associado ao amor de Deus sobre os homens, um amor desinteressado e nobre. Entretanto, sua importância vai além da religião e da espiritualidade, já que é a manifestação do divino nos homens, uma maneira de assemelhar-se à “perfeição absoluta” (COMTE-SPONVILLE, 2010, p. 291). De forma estendida, podemos ainda associar *Ágape* à caridade e à solidariedade (Ibid.).

Julgamos importante trazer à tona este contexto filosófico a fim de conhecermos sua expressão nos formatos de relacionamentos e suas mudanças ao longo do tempo. O amor *Eros* é o início de tudo, um ímpeto que acompanha todos os seres desejantes. Quando *Eros* possibilita o encontro amoroso, seja num casamento, numa relação de amizade ou em tantos outros formatos possíveis, temos sua modificação para um amor mais brando e companheiro, que é *Philia*. Se tivermos filhos ou nutirmos relações com teor parental em relação a outrem, é saudável que esta relação, além de toda a responsabilidade e carga mental e material que acarreta, também seja acompanhada por *Philia*, de forma que pais ou responsáveis e seus filhos possam cultivar uma relação que extrapole suas individualidades, baseada no respeito, no companheirismo, na amizade e no bem-querer. E, por fim, quando pensamos no coletivo, olhamos para outros que não pertencem à nossa esfera privada ou ao nosso círculo social, transpomos o amor que guardamos aos nossos semelhantes para a esfera pública, quando queremos o bem não somente de nossos filhos, mas de todas as crianças, de todos os indivíduos, e quando cuidamos coletivamente dos mais vulneráveis, temos em ação o amor *Ágape*, contribuição da filosofia cristã que se expressa como caridade e solidariedade.

A REVOLUÇÃO DO AMOR E AS CARACTERÍSTICAS DA CONTEMPORANEIDADE

De forma mais prática, temos que, com o advento da globalização liberal e das sociedades ocidentais baseadas na ideia de família moderna (ou nuclear), baseada no amor e na consagração

da pessoa, surge uma série de consequências para a afetividade, em um processo denominado por Luc Ferry, importante pensador francês, de revolução do amor (FERRY, 2012).

O casamento por amor é algo que advém do Romantismo burguês, que modificou profundamente os costumes praticados até então. Do contexto globalizado atual, decorrem três traços característicos. O primeiro é a “desconstrução dos valores tradicionais”, decorrente do consumismo previsto pelo capitalismo, que, em seu formato moderno, é chamado de globalização; o segundo aspecto é a “impotência pública” frente à lógica global; e, por último, o terceiro traço é o que Luc Ferry denomina de “reencantamento do mundo” (FERRY, 2012, p. 20-22).

Essas condições culminam no que podemos denominar de Pós-Modernidade, cujas mudanças são muito velozes. O período é marcado pela acelerada urbanização (NAÍM, 2019); pela lógica de consumo e o conseqüente movimento de individualização (BAUMAN, 2004); e por um profundo impacto no cotidiano das pessoas oriundo da hiperconectividade (HAN, 2022).

A partir das implicações deste novo contexto, mais especificamente no âmbito da vida privada e das relações, seis consequências emergiram como resultado do processo de transformação inaugurado pelo amor-paixão: a invenção do divórcio; o laicismo republicano; o surgimento da vida privada; a construção do amor parental tal como o conhecemos atualmente; a conseqüente abertura da vida privada aos interesses da coletividade; e a sacralização humana pelo amor (FERRY, 2012). Assim, “o capitalismo globalizado nos faz entrar estranhamente numa era de um humanismo inteiramente nova” (Ibid., p. 96).

Ferry explica, então, como as características mais sombrias do atual processo de globalização tiveram o efeito contrário e fundaram um humanismo baseado no “amor-paixão” (Ibid., p. 90). Ele aborda o surgimento de “uma forma inédita de reencantamento do mundo por meio do surgimento de uma nova figura do sagrado [...], embora humana, não religiosa” (Ibid., p. 90). Em resumo, temos que “a globalização desconstrói as figuras tradicionais do sagrado para dar lugar, no final, ao nascimento da sacralização do humano” (Ibid., p. 92).

A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE

Com isso, trazemos ainda as contribuições de Anthony Giddens (1993), que endossam a interpretação de que houve um processo de transformação na esfera privada que tem influenciado diversos aspectos da afetividade humana, no que é denominado como transformação da intimidade (GIDDENS, 1993).

No contexto contemporâneo, a tendência é que cada vez mais os relacionamentos sejam igualitários, sobretudo dentro do casamento. Algumas consequências importantes desse movimento relacionadas ao surgimento do amor romântico são a criação do lar e as modificações nas relações parentais. Mais especificamente, sobre a infância e a vida familiar ressignificadas, temos que “aqueles padrões de interação pais-filhos foram substancialmente alterados” (GIDDENS, 1993, p. 53) ao longo do tempo.

Giddens ainda associa a tendência de democratização da intimidade ao surgimento do relacionamento puro, no qual “tanto a responsabilidade quanto a autoridade – onde ela existe – estão profundamente vinculadas à confiança” (Ibid., p. 206), dinâmica que se aplica a relacionamentos amorosos de diversas naturezas. Desta forma, temos delineados novos contornos das relações e a promessa de que estas sejam mais igualitárias. Outro desafio que se impõe recentemente é a manifestação do extremo individualismo e da maior fragilidade das relações no exercício da parentalidade.

O AMOR PARENTAL NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Neste momento, utilizaremos os escritos do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman para entendermos melhor a questão do amor nos tempos atuais. Bauman cunha o conceito de Modernidade Líquida, em contraposição à anterior Modernidade Sólida (BAUMAN, 2004). Disso decorre outro fenômeno apontado, que pode ser resumido como a fragilização dos laços sociais e afetivos, em que as conexões podem ser facilmente rompidas. Com isso, a palavra *amor* banaliza-se e passa a ser usada em relações que não necessariamente guardam semelhanças com tal sentimento (BAUMAN, 2004).

Em uma cultura consumista como a nossa, que aplica a lógica da praticidade e da descartabilidade a todos os aspectos da vida humana, como ficam as relações parentais? A problemática do amor, para Bauman, reside no cerne do que, “para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor [...] alimenta a autoaversão. O amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros” (BAUMAN, 2004, p. 102). Sobretudo nos dias atuais, ter um filho não deixa de ser um objeto de consumo, ainda que emocional. E, no contexto atual de grande incerteza, o projeto de ter filhos é algo atipicamente ousado para o ser humano. O investimento emocional e financeiro é considerável, e, por se tratar muito mais de uma decisão (e não contingência, embora possa ocorrer), isso aumenta a ansiedade, a angústia e

o estresse associados ainda à lógica de consumo, à liquidez e à expectativa de retorno envolvida no processo (BAUMAN, 2004). Assim, as relações parentais são, sim, impactadas negativamente pelo novo paradigma relacional, e a dinâmica é, em linhas gerais, que filhos não podem ser encaixados na lógica de consumo e de satisfação garantida que o mercado impõe. Nesta lógica, como as “alegrias da paternidade e da maternidade vêm [...] num pacote que inclui as dores do autossacrifício e os temores de perigos inexplorados” (BAUMAN, 2004, p. 60), num cenário irreal em que é esperado grande retorno e pouco trabalho, isso explica desafios, doenças, quebra de expectativas e falta de controle que envolvem a decisão e o projeto atual da parentalidade (Ibid.).

Por isso é tão importante que coloquemos à prova da reflexão as relações que, coletivamente, temos cultivado e naturalizado, pois os afetos de todas as naturezas são impactados pelo contexto socioeconômico. Dessa forma, *Philia* (esfera privada) e *Ágape* (esfera pública) passam pelo exercício do respeito e da arte dos reparos. Para Bauman, “amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um” e reconhecer “o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo” (BAUMAN, 2004, p. 103). Apesar das dificuldades impostas pela mentalidade atual, devemos exercitar tal habilidade em prol de nutirmos relações mais significativas e verdadeiras.

OS DESAFIOS DO AMOR PARENTAL NA ATUALIDADE A PARTIR DOS ARTIGOS DE VERA IACONELLI NA FOLHA DE S. PAULO

Para ilustrarmos os contornos atuais do amor parental, selecionamos como *corpus* de análise a coluna semanal de Vera Iaconelli, na *Folha de S. Paulo*, que discute por diversos enfoques o conceito de amor parental. Iaconelli é uma psicanalista brasileira, doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo. Ela possui tal espaço de opinião na *Folha de S. Paulo*, um dos veículos mais influentes do país, desde 2017.

Selecionamos artigos escritos pela autora em sua coluna durante dois anos pandêmicos, 2020 e 2021, a fim de definir como pano de fundo da questão parental a pandemia de COVID-19, que escancarou vulnerabilidades. A partir disso, compomos o contexto que embasa a presente análise, descrita a seguir. Pretendemos, então, analisar as opiniões e os conceitos sociais (tangenciados ou, por vezes, trabalhados em profundidade) sobre o amor parental na contemporaneidade, sobretudo no cenário brasileiro, presentes na coluna que a psicanalista escreve semanalmente. Utilizaremos, para isso, a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2020), que pode ser resumida

nas seguintes etapas: “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento de resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 2020, p. 121).

Quanto à amostra, esta foi proposta de forma final após a etapa que compôs a pré-análise. Os artigos de Vera Iaconelli para a *Folha de S. Paulo* de 2020 e 2021 foram compilados em Excel e, com esta organização, passamos à etapa de pré-análise. De forma direcionada, foi realizada uma leitura flutuante já com alguma familiaridade com os textos, aprendizado que foi essencial para uma primeira seleção dos artigos. Foram marcados, dentre os artigos compilados, os que teriam potencial de compor a amostra para segmentação em Excel. O crivo para esta primeira seleção foi temático: se havia menção a parentalidade ou não. De cem artigos mapeados, foram pré-selecionados 44. Após a leitura flutuante, foi realizada uma imersão mais atenta no conteúdo pré-selecionado, e dos 44 artigos, foram escolhidos quarenta. O motivo desta seletividade foi que quatro dos textos, embora mencionassem a parentalidade em alguma medida, não tratavam do assunto propriamente, sequer abordavam a questão com mais profundidade ou mencionavam crianças e adolescentes. Assim, quarenta artigos que se encaixaram no primeiro crivo foram selecionados.

Na etapa de exploração do material de quarenta artigos selecionados, foram definidas as categorias a seguir para a classificação do material, cuja unidade de registro (BARDIN, 2020) é cada artigo. A categorização realizada em Excel foi baseada no critério de pertinência aos objetivos do trabalho, considerando as seguintes perguntas:

- Faz menção a crianças ou a adolescentes?
- Faz menção à família e à vida e dinâmica familiares?
- Faz menção à pandemia de COVID-19?
- Faz menção ao afeto, ao amor, ao cuidado ou a conceitos afins?

O modo de classificação em Excel, a partir dessas categorias, foi de “sim” ou “não”, ou seja, a presença ou ausência dos elementos analisados, de modo que daremos destaque ao macrotema conforme esse resultado obtido em Excel. Do total apurado, 21 artigos mencionam afeto, amor, cuidado ou conceitos afins aplicados à parentalidade, compondo a amostra final analisada neste trabalho. Com isso, tivemos a delimitação do *corpus*, que é “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2020, p. 122), observando parâmetros para sua seleção, como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Ibid.). Neste sentido, a adequação de cada artigo ao tema do amor parental – critério pelo qual os artigos foram incluídos ou não na seleção final – foi decisiva na definição do *corpus* e na construção da amostra.

MENÇÃO AO AFETO, AO AMOR, AO CUIDADO OU A CONCEITOS AFINS?	QUANTIDADE DE ARTIGOS	PORCENTAGEM
SIM	21	52,5%
NÃO	19	47,5%
TOTAL	40	100%

TABELA 1: Quantidade de artigos que mencionam afeto, amor, cuidado ou conceitos afins e sua porcentagem em relação à amostra.

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme podemos ver na Tabela 1, em um período de dois anos, dentre o total de quarenta artigos, é expressivo o número de artigos que mencionam o amor ou o cuidado parental (21 artigos, que representam 52,5%), prova da relação intrínseca entre o projeto da parentalidade e o sentimento que estimula amor entre pais e filhos. Embora não seja regra, é inegável associar parentalidade com afeto, quer seja para reiterar laços sociais fortes que dão sentido à existência, quer seja para nos espantarmos com indiferença, abandono e negligência de pais para filhos ou vice-versa. Assim, faz-se importante, em relação ao *corpus* desta análise, aprofundar a classificação dos temas abordados de forma mais específica, como os microtemas agrupados na Tabela 2.

CLASSIFICAÇÃO DA AMOSTRA DE ARTIGOS QUE MENCIONAM AFETO, AMOR OU CONCEITOS AFINS	QUANTIDADE DE ARTIGOS	PORCENTAGEM
Reflexões sobre a família (amor como pano de fundo)	3	14%
Reflexões metalinguísticas e históricas sobre o amor parental	9	43%
Reflexões sociais sobre o amor parental	3	14%
Desafios práticos da parentalidade	6	29%
TOTAL	21	100%

TABELA 2: Classificação de microtemas da amostra de artigos selecionados.

Fonte: Elaborada pela autora.

Inicialmente, temos os artigos que, ao abordarem o tema do amor parental, o fazem sob a perspectiva de refletir sobre a célula da família e suas configurações de forma geral. Nestes

casos, o amor parental é subtexto para tratar da complexa trama de laços afetivos que organizam a sociedade. Neste ponto, vamos fazer um breve resumo dos artigos desta categoria.

O primeiro excerto denomina-se *Caetanear o Natal*, a partir do qual Vera Iaconelli faz uma leitura sobre as festas de fim de ano em 2020. Ela reafirma a natureza conflituosa das famílias, mesmo as que são permeadas por amor e respeito, e questiona a idealização da família harmônica, que é exceção devido a sua própria natureza constitutiva. O que se inicia normalmente por um ato amoroso entre um casal tende a se desenvolver e agregar indivíduos com diferentes personalidades. Por isso, a psicanalista dirige-se aos que não poderiam passar as festas perto de seus entes queridos, dizendo: “Os que lamentam não estarem juntos dos parentes devem comemorar justamente o fato de sentirem sua falta” (IACONELLI, 2020c, n. p.).

Já no segundo e no terceiro conteúdos, a pandemia aparece como pano de fundo, enquanto o luto é discutido como um grande desafio pessoal, familiar e até social, desenvolvendo-se como um tabu coletivo. Nesses artigos, que abordam as dinâmicas familiares frente aos lutos parental e filial, temos traçada a relação entre amor e perda: quanto maior o amor, mais desoladora é a perda do objeto amado, quer estejamos falando de pais, filhos ou outros entes queridos. O artigo *Dizer adeus aos pais*, de 14 de dezembro de 2020 (IACONELLI, 2020f) aborda o luto com a morte dos pais, enquanto o outro tipo de perda associada à parentalidade aparece em *A perda de um filho*, que data de 1º de março de 2021 (IACONELLI, 2021a). O luto foi um dos grandes desafios do período, frente à aceleração do número de acometidos pela COVID-19 de diversas faixas etárias, e precisou ser discutido para além de sua dimensão pessoal, passando a fazer parte de um processamento emocional e catártico coletivo, que ressoa sobretudo dentro das famílias.

Quanto ao bloco de artigos que tratam sobre as reflexões metalinguísticas e históricas sobre o amor parental, o tema do afeto é eixo central das discussões. Nesta classificação, temos os artigos resumidos a seguir.

No artigo *De que vale ter filhos?*, temos um compilado sobre parentalidade, situando seu desenvolvimento em perspectiva histórica e chamando a atenção para sua natureza paradoxal. A colunista aponta ainda o conceito limitante de “instinto materno” e instiga o leitor a repensar papéis de gênero nas atividades parentais ao afirmar que a “discussão sobre quem deve ‘embalar Mateus’ é urgente, e a pandemia só fez aumentar o jogo da batata-quente. Quem cuida/cuidará das crianças?” (IACONELLI, 2020e, n. p.).

Destacamos ainda o texto *Não sei se vou te amar*, que enfoca a questão do afeto entre pais e filhos. Na abertura, Iaconelli aponta o caráter “inspiradoramente contingencial” do amor parental, misturando expectativas e idealizações não correspondidas à realidade concreta, por melhor que esta se apresente (IACONELLI, 2020h).

No artigo *Thammy Miranda para Pai 2020*, é discutida a questão de gênero na parentalidade. A autora coloca em xeque a limitação inerente à associação das figuras de mãe e pai a uma visão cis-heteronormativa, já que, conforme ela fala, esses termos são “significantes e, portanto, criações humanas” (IACONELLI, 2020j, n. p.). Por isso, devemos repensar as noções de parentesco e filiação, associando-as a amor e cuidado, estendendo, assim, o conceito por vezes limitador e conservador de família.

O texto de título *Amor à família é álibi perfeito* aborda a questão do amor em profundidade. Iaconelli coloca em perspectiva os aspectos biológicos e culturais do amor, associando-o à sobrevivência humana. Também fala sobre a reciprocidade que se espera quando se sente amor, mais especificamente, o amor parental. Para ela, o amor dentro da família deve contribuir para que tenhamos empatia e queiramos o bem de toda a sociedade; caso seja egoísta, a família não estará exercendo seu papel de expandir para a coletividade seu horizonte de afeto particular (IACONELLI, 2020a).

Por fim, a questão do afeto é analisada a partir da natureza idealmente eletiva da parentalidade no texto *Sapos, filhos e cachorros*. O afeto, potencialmente reconhecido e recompensado com o tempo, é colocado em perspectiva com as diferentes fases dos filhos. Iaconelli alerta aqueles que acreditam que, ao se tornarem pais, serão adorados incondicionalmente, quando, na realidade, se estiverem fazendo um bom trabalho, terão suas habilidades questionadas continuamente por filhos cada vez mais maduros e exigentes (IACONELLI, 2021i).

Já o texto *Ter medo do pai* analisa a modificação ao longo do tempo desta figura: de distante e temido a uma pessoa participativa, flexível e corresponsável pelos cuidados parentais, no que é denominado de “nova parentalidade” (IACONELLI, 2021j).

No artigo *O trauma na berlinda*, dedicado à reflexão sobre traumas cotidianos, a autora questiona a “ideia de que haveria uma existência humana na qual a vida, a morte, a sexualidade, o amor, as perdas seriam encaradas sem deixar marcas e cicatrizes” (IACONELLI, 2021f, n. p.).

Em *Feito tatuagem*, Iaconelli lança mão de elementos da crônica para falar sobre a necessária separação emocional entre pais e filhos, a fim de que estes atinjam a maturidade. Isso reforça a ideia de que, no momento adequado da vida, é salutar que filhos adolescentes ou jovens adultos sintam-se seguros o suficiente para – certos do amor de seus pais – conquistarem novos horizontes (IACONELLI, 2021c). Na mesma linha, em *Meu caro bebê*, o amor é apontado como um dos elementos condicionantes da existência de um novo ser humano, consistindo em prática diária que deve conduzir à plena autonomia dos indivíduos cuidados (IACONELLI, 2021d).

Outros artigos da amostra trazem uma abordagem mais coletiva da questão parental e afetiva, propondo à sociedade reflexões que extrapolam a intimidade familiar, em movimento

que, conforme conceituado anteriormente, podemos ilustrar como a passagem do amor *Philia* (ARISTÓTELES, 2015) para *Ágape* (SPINOZA, 2022).

Neste grupo, temos inicialmente um texto voltado à questão da educação no período pandêmico. Em *De arremedo a panaceia*, Vera Iaconelli apela para o amor ao mundo, a solidariedade ou, ainda, *Ágape*, a fim de conscientizar as pessoas para a que deveria ser a real preocupação do ano letivo de 2020: a compaixão em relação às pessoas, e não a pressão por resultados escolares (IACONELLI, 2020d).

A escola também é apontada por Iaconelli como espaço de criação de laços afetivos, em linha com as teorias pedagógicas e educacionais, conforme exemplo do texto *Escola fechada produz sofrimento* (IACONELLI, 2020g).

Já o artigo *Para entregar seu filho* é motivado por um registro do Afeganistão em que um pai entrega seu bebê a um militar na esperança de que tivesse um futuro melhor. Iaconelli diz que, por vezes, “há momentos nos quais o grande gesto amoroso é aquele no qual entregamos definitivamente a criança aos cuidados de outrem” (IACONELLI, 2021g, n. p.), usando como metáfora o episódio bíblico de Salomão, em casos de entrega para adoção, de refugiados de guerras ou em outras situações que demandam medidas drásticas semelhantes.

Por fim, como quarto e último enfoque, temos a temática de maior apelo na coluna semanal de Vera Iaconelli: propor discussões e oferecer ferramentas práticas para o enfrentamento aos desafios do cuidar que se apresentam diariamente a pais e responsáveis.

O primeiro artigo que menciona esse tema denomina-se *Quarenteen* e aborda a questão do cuidado parental durante momentos desafiadores da adolescência, tendo como fator agravante a pandemia de COVID-19. A autora menciona que o momento é uma oportunidade de educá-los com amor, colocando limites e orientando a lidar com os obstáculos, sem, contudo, esperar provas de amor em retribuição (IACONELLI, 2020i).

No texto *As vozes do bueiro*, Iaconelli trata de casos de abuso e chama a atenção de pais e responsáveis para medidas preventivas, como, por exemplo, não aplicar violência como ferramenta disciplinar, pois a relação de afeto entre pais e filhos pode dificultar que crianças saibam diferenciar afeto de abuso, no presente e também no futuro (IACONELLI, 2020b).

Por sua vez, o texto *Mimados ou largados?* analisa, entre outros desafios atuais, as condições sociais que têm prejudicado o exercício da parentalidade, a partir da reflexão sobre se as crianças hoje em dia estariam mais para mimadas ou negligenciadas coletivamente. Além disso, a psicanalista discute a diminuição da taxa de natalidade, causada sobretudo pela recusa das mulheres a conciliar as rotinas profissional e afetiva, dissociando esse fenômeno de uma suposta falta de amor, relacionando estes desafios às mudanças nas condições sociais para a criação de filhos (IACONELLI, 2021e).

Em *Ter um filho LGBTQIA+*, ela fala sobre a aceitação de uma filha ou filho que se identifique com uma das orientações da sigla no seio da família. No conteúdo, Iaconelli aponta para o estranhamento que pode acompanhar o processo de compreensão, mesmo dos pais mais desconstruídos, o que em nenhum grau anula ou diminui o amor sentido por ambas as partes. Segundo ela, “estranhamos nosso estranhamento porque tomamos por garantido que o amor nos faria aptos a lidar com qualquer surpresa. [...] Mas esquecemos que mesmo boas surpresas requerem um tempo de adaptação” (IACONELLI, 2021k, n. p.). Neste sentido, romper com as expectativas e trabalhar com o real é a saída para a adaptação inerente a qualquer mudança na dinâmica familiar.

No penúltimo artigo que menciona a questão do afeto parental, *De que vale investir nos filhos?*, analisa relações reais entre pais e filhos para discutir a questão do investimento, que perpassa aspectos subjetivos e objetivos como parte do amor e da rotina parentais (IACONELLI, 2021b).

Por fim, no artigo denominado *Trump escancara nosso anseio de que a realidade se dobre aos nossos desejos*, ao analisar a conduta do então presidente estadunidense Donald Trump, a psicanalista associa amor parental à imposição de limites à personalidade dos pequenos, a fim de que seu futuro não guarde semelhança com as tendências comportamentais do político (IACONELLI, 2020k).

Assim, podemos destacar importantes pontos de análise. Vera Iaconelli ressalta a inseparabilidade entre amor parental e cuidados aos filhos, o que define como determinante na concepção contemporânea de família. Em conformidade com a afetividade jurídica, enfatiza que o afeto nas relações parentais deve superar características como gênero, parentesco tradicional ou orientação sexual. Além disso, destaca que o afeto guia a preocupação dos pais com a educação, evoluindo ao longo das fases da vida dos filhos, sendo uma contribuição essencial aguardada na vida adulta, quando os laços familiares se tornam voluntários. A partir desse panorama, podemos dar início à etapa de tratamento de resultados, inferência e interpretação a partir do *corpus* de análise (BARDIN, 2020).

NOVAS NARRATIVAS DO AMOR PARENTAL

Narrar é um elemento do ato comunicacional de compartilhamento por excelência, na medida em que estabelece uma troca simbólica entre emissor e receptor, constituindo outras dimensões

da comunicação. A partir dos aspectos narrativos da comunicação e sua importância para a vida humana em seu caráter simbólico e cultural, deriva-se disso o conceito de novas narrativas, que são fruto da colaboração e podem contribuir para uma sociedade melhor (NASSAR; RIBEIRO, 2012).

Se o mundo contemporâneo já era reconhecido por suas vertiginosas mudanças de difícil compreensão (NASSAR; RIBEIRO; TAMURA, 2018), a pandemia causou extremo impacto ao modificar diversos processos instantaneamente, numa verdadeira “reinvenção das narrativas do mundo” (RIBEIRO, 2019, p. 162). Neste sentido, as novas narrativas podem contribuir para a modificação do olhar sobre a parentalidade e o amor parental, colocando como prioridade crianças e adolescentes, vendo-os como sujeitos de suas histórias e protagonistas de suas próprias consciências. Isso perpassa pela contribuição prática do amor parental para relacionamentos mais puros (GIDDENS, 1993) e para uma sociedade mais democrática, buscando a transformação de *Philia* em *Ágape*. “Por isso, podemos dizer que vivemos uma fase revolucionária onde devemos buscar novas narrativas para abarcar este novo tempo e espaço, para compreender a nós mesmos e as pessoas com as quais convivemos” (NASSAR; RIBEIRO; TAMURA, 2018, p. 4-5). Essas novas narrativas são, então, capazes de modificar visões, reforçar seus direitos humanos e fundamentos de uma sociedade melhor e mais justa.

A partir dessas reflexões, podemos aplicá-las ao conteúdo visto até aqui. As citadas mudanças sociais nos arranjos afetivos, como o surgimento do casamento por amor, o maior controle de natalidade e a liberdade sexual nas últimas décadas, causaram mudanças profundas na forma de ter e criar filhos. O que antes era algo compulsório e parte da vida adulta torna-se uma escolha e, com isso, um projeto. Mais recentemente, a parentalidade já não tira dos pais as possibilidades de conquistar novos sonhos, de ter uma carreira ou um relacionamento amoroso bem sucedido, embora não seja fácil conciliar todos esses aspectos (IACONELLI, 2022).

Sobretudo, temos que, hoje, a parentalidade é mais um dos projetos possíveis da vida, mas não o único; por isso, demanda conhecimento, preparo, investimento, apoio profissional, dedicação e rede de apoio para sua realização, o que dialoga com o fato de ser, em grande parte, uma escolha possível dentre tantas outras. Quando feita e celebrada, essa escolha se torna um esteio na vida dos indivíduos, agora responsáveis por outra(s) vida(s). Estes tendem a procurar por garantias, munindo-se de profissionais, serviços e produtos que lhes possam garantir sucesso nesta jornada. Isso tem um lado negativo e, segundo Iaconelli, “o uso mais nefasto que se pode fazer da parentalidade é aquele no qual o profissional vende a ideia de garantir, controlar, predizer a criação dos filhos e o bem-estar de pais e mães” (2021h, n. p.). Muitas vezes, entretanto, os responsáveis encontram frustração, pois nada os prepara completamente para os desafios parentais, tampouco sua tábua de salvação está na intensificação de práticas consumistas. Portanto, é importante esclarecer que

a tarefa da parentalidade nunca foi fácil, e cada tempo histórico impõe diferentes obstáculos a ela, provendo diferentes formas de angústia (IACONELLI, 2022).

Soma-se a isso a cobrança, a pais e responsáveis, de aderirem a certos compromissos sociais, tais como o pacto de cuidar e proteger seus filhos de todos os males. Embora norteador do exercício, o compromisso eleva a complexidade da prática, por se tratar de uma expectativa irreal. Essa busca por garantias reside, em partes, no fato de que a vida íntima, familiar e privada possui importância sem precedentes na vida do indivíduo, cuja atuação pública foi reduzida ao mínimo na Pós-Modernidade, legando-lhe uma realização quase que circunscrita à instância doméstica. Com o distanciamento e a perda de fé nas instituições, a vida privada torna-se a espiritualidade contemporânea, mesmo que laica (FERRY, 2012).

Em contraponto, a recente intensificação dos fluxos comunicacionais, a popularização das redes sociais e de dispositivos móveis, a grande circulação de dinheiro, pessoas, produtos e serviços estão fazendo com que os laços sociais fiquem ascendentemente superficiais, abalando ainda mais as estruturas da sociedade (BAUMAN, 2004).

Por isso, antevê-se que um resgate afetivo e amoroso é necessário, e que é no encontro com o outro que está a saída para o enfrentamento às questões contemporâneas (MORIN, 2000). Ou seja, o sucesso coletivo do projeto da parentalidade enquanto expressão de amor, cuidado e solidariedade também depende da abertura coletiva para além dos filhos, voltando-se à comunidade em busca de solidariedade. Além disso, se assumimos o compromisso com as novas gerações, é importante que se diga que, coletivamente, temos falhado em proteger nossas crianças de tudo. Se nas classes sociais mais altas os desafios vão do manejo com a escola, o uso intensificado dos celulares e a proteção ao abuso da porta pra fora, nas classes menos privilegiadas não se consegue garantir direitos básicos.

E, neste contexto, agravado pelo fato de que “não há muitos debates públicos a respeito do amor” (HOOKS, 2021, p. 31), temos a chance de explorar o amor e sua força inerentemente transformadora da realidade social (Ibid.), processo que passa pela elevação das pautas afetivas, privadas e domésticas à discussão pública, em busca de saídas coletivas. Com isso, *Eros*, *Philia* e *Ágape* devem ser vistos como um conjunto de prioridades a nortear esforços colaborativos da humanidade, solicitação frequente na coluna de Iaconelli.

A questão das famílias reconstituídas e diversas também é uma tendência relevante a ser vista a partir da análise. As dissociações entre parentalidade e casamento e papel de gênero e função de cuidado, aliadas à ascensão não somente real, mas também midiática de famílias fora da lógica cis-heteronormativa, são essenciais para entendermos esse movimento. Não é mais necessário casar-se para ser pai ou responsável por alguém, tampouco a parentalidade deve ser tratada como algo compulsório para quem engravida, ou exclusiva a homens e mulheres

cisgênero e heterossexuais. Isso torna a parentalidade mais inclusiva, além de um exercício que agrega diferentes pautas e suscita desafios – campo fértil para a aplicação de medidas de inclusão, diversidade e igualdade que têm sido solicitadas coletivamente.

Ainda em linha com a liberdade necessária para que se possa escolher cuidar de filhos e quando o fazer, duas noções fazem parte do arcabouço dessa nova parentalidade. Primeiramente, assim como outros temas, ela é uma causa coletiva, pois a sucessão da espécie humana e o tratamento da nova geração são assunto de todos. Outra faceta desta moeda é exatamente assegurar, na dimensão individual, que a parentalidade seja sempre uma escolha e passe pela garantia de direitos reprodutivos.

A parentalidade, em suas novas roupagens, tem fomentado suavidade no cuidado e relações mais horizontais entre pais e filhos. Isso não inviabiliza a autoridade saudável dos pais, que deve privilegiar o desenho de limites e uma educação libertadora, mas, na prática, tem abalado esses responsáveis, que buscam equilíbrio nos novos formatos. Pais e responsáveis não devem esquecer seu objetivo: a formação de indivíduos independentes, autônomos e prontos para a vida em sociedade, o que envolve uma educação não somente técnica e profissional, mas, sobretudo, cívica e moral, além de muito amor e empenho em sua constituição. Por fim, o amor parental deve essencialmente ir para além dos muros da casa e olhar seriamente para a condição das famílias mais vulneráveis e invisibilizadas.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Entendemos aqui que amor parental precisa ir além de si mesmo, reconhecendo discrepâncias sociais e servindo de instrumento para diminuí-las, transformando, portanto, *Philia* em *Ágape*. O amor aos filhos deve ser inspiração para uma atuação social mais proeminente, a partir de uma força social transformadora inerente ao amor (HOOKS, 2021). Demanda-se ir além da esfera do afeto para mobilizar instâncias de decisão, instituições e campos do conhecimento e da prática social, endossando-a.

Destacamos, então, por inferência deste estudo, as novas narrativas sobre o amor parental, que partem das mudanças sociais nos arranjos afetivos ao longo do tempo e passam por sedimentar a parentalidade enquanto projeto, ressaltando a importância de haver garantia de apoio, preparo e conhecimento para essa jornada, sem, contudo, recair na armadilha de práticas consumistas. Por isso, essas narrativas reafirmam a necessidade de uma abordagem coletiva

para lidar com os desafios da parentalidade, buscando apoio mútuo e solidariedade, de forma a que *Philia*, a visão filosófica do amor parental, torne-se *Ágape* e atinja a todos, sobretudo as famílias mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ARISTÓTELES. **A ética a Nicômaco**. São Paulo: Edipro, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e actualizada. Coimbra: Edições 70, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.
- BIERNATH, André. **Por que a solidão virou uma das grandes preocupações de saúde do século 21**. *Folha de S. Paulo*, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2023/08/por-que-a-solidao-virou-uma-das-grandes-preocupacoes-de-saude-do-seculo-21.shtml>>. Acesso em: 25/06/2024.
- CHAUÍ, Marilena. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- ENRIGHT, Robert D. et al. The philosophy and social science of agape love. **Journal of theoretical and philosophical psychology**, 2022, p. 220-237. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/buy/2022-48425-001>>. Acesso em: 09/07/2023.
- FERRY, Luc. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- HAN, Byung C. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.
- HERTZ, Noreena. **O século da solidão: restabelecer conexões em um mundo fragmentado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

IACONELLI, Vera. **Amor à família é alibi perfeito**. *Folha de S. Paulo*, 2020a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/06/amor-a-familia-e-alibi-perfeito.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **As vozes do bueiro**. *Folha de S. Paulo*, 2020b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/08/as-vozes-do-bueiro.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. Apresentação. Sobre as origens: muito além da mãe. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (Org.). **Parentalidade**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 11-20.

IACONELLI, Vera. **A perda de um filho**. *Folha de S. Paulo*, 2021a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/03/a-perda-de-um-filho.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Caetanear o Natal**. *Folha de S. Paulo*, 2020c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/12/caetanear-o-natal.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **De arremedo a panaceia**. *Folha de S. Paulo*, 2020d. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/07/de-arremedo-a-panaceia.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **De que vale investir nos filhos?**. *Folha de S. Paulo*, 2021b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/09/de-que-vale-investir-nos-filhos.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **De que vale ter filhos?**. *Folha de S. Paulo*, 2020e. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/09/de-que-vale-ter-filhos.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Dizer adeus aos pais**. *Folha de S. Paulo*, 2020f. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/12/dizer-adeus-aos-pais.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Escola fechada produz sofrimento**. *Folha de S. Paulo*, 2020g. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/08/escola-fechada-produz-sofrimento.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Feito tatuagem**. *Folha de S. Paulo*, 2021c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/04/feito-tatuagem.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Meu caro bebê**. *Folha de S. Paulo*, 2021d. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/04/meu-caro-bebe.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Mimados ou largados?**. *Folha de S. Paulo*, 2021e. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/02/mimados-ou-largados.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Não sei se vou te amar.** *Folha de S. Paulo*, 2020h. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/09/nao-sei-se-vou-te-amar.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **O trauma na berlinda.** *Folha de S. Paulo*, 2021f. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/06/o-trauma-na-berlinda.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Para entregar seu filho.** *Folha de S. Paulo*, 2021g. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/08/para-entregar-seu-filho.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Parentalidade no olho do furacão.** *Folha de S. Paulo*, 2021h. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/12/parentalidade-no-olho-do-furacao.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Quarenteen.** *Folha de S. Paulo*, 2020i. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/05/quarenteen.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Sapos, filhos e cachorros.** *Folha de S. Paulo*, 2021i. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/10/sapos-filhos-e-cachorros.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Ter medo do pai.** *Folha de S. Paulo*, 2021j. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/09/ter-medo-do-pai.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Ter um filho LGBTQIA+.** *Folha de S. Paulo*, 2021k. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2021/09/ter-um-filho-lgbtqia.shtml>>. Acesso em: 24/07/2023.

IACONELLI, Vera. **Thammy Miranda para Pai 2020.** *Folha de S. Paulo*, 2020j. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/08/thammy-miranda-para-pai-2020.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

IACONELLI, Vera. **Trump escancara nosso anseio de que a realidade se dobre aos nossos desejos.** *Folha de S. Paulo*, 2020k. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/trump-escancara-nosso-anseio-de-que-realidade-se-dobre-aos-nossos-desejos.shtml>>. Acesso em: 16/06/2023.

MATRIX REVOLUTIONS. Direção: Lana Wachowski, Andy Wachowski. Warner Bros. Entertainment, 2003. (2h09min).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **As certezas são uma ilusão.** Fronteiras do Pensamento. 2020. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-as-certezas-sao-uma-ilusao>>. Acesso em: 01/06/2023.

NAÍM, Moisés. **O Fim do Poder.** 2ª ed. Lisboa: Leya, 2019.

NASSAR, Paulo; RIBEIRO, Emiliana P. Velhas e Novas Narrativas. **Revista Estética - Citrus**, 2012. Disponível em <<http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/anteriores/85-revista-8/52-2012-2-art5>>. Acesso em 06/05/2023.

NASSAR, Paulo; RIBEIRO, Emiliana P; TAMURA, Natália. Grupo de Estudos de novas narrativas: novas ideias para novos tempos. **III JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS**, v. 3, 2018, p. 1-11.

PLATÃO. **Apologia; Banquete; e Fedro**. 1ª ed. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 2010.

RIBEIRO, Emiliana P. **Novas Narrativas da Comunicação em Organizações**. 2019. 318 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

STJ CONDENA pai a indenizar filha por abandono afetivo. **JusBrasil**, 2012. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/stj-condena-pai-a-indenizar-filha-por-abandono-afetivo/3106388>>. Acesso em: 20/06/2023.

-
- [1] Em decisão da terceira turma do Supremo Tribunal de Justiça, a ministra Nancy Andrighi condenou um pai a pagar indenização à filha por abandono afetivo (JUSBRASIL, 2012). Sua sentença é baseada no axioma “amar é faculdade, cuidar é dever”, expressão que reflete a ideia de que, se o amor é uma escolha, capacidade ou fruto da convivência, cuidar do outro é uma responsabilidade ou obrigação, especialmente no caso de genitores, pais e responsáveis. Embora essa frase seja amplamente utilizada, especialmente no meio jurídico, não pudemos apontar uma origem específica a ela atribuída.